

ENCONTRO COM ROMÃOZINHO

MARIETTA TELLES MACHADO

(contos infantis)

CG - Não circula
fora da BC



5
/enc

197901 208



9597

Encontro com Romãozinho

02/85

U.F.GO.	
BIBLIOTECA CENTRAL	
CÓD.	S. Goiás
Nº.	208/79
VALOR	D- 39,00
DATA	19-01-79

02/00

27/88

M 149 e Machado, Marietta Telles.

Encontro com romãozinho.
Goiânia, Oriente, 1976

88 p.

Capa de Laerte Araujo.

1. Contos infantis — Goiás.

I. Título.

CDD 028.5

MARIETTA TELLES MACHADO

ENCONTRO COM ROMÃOZINHO

197901 208

G087.5 MAC /enc



1000009597

ORIENTE

DA AUTORA:

Girassóis em transe (crônicas) — Goiânia, Imprensa Universitária — 1968

As doze voltas da noite — Goiânia, DEC — Oriente — 1970

O congresso das Bruxas (Literatura Infantil) Goiânia — Oriente — 1976

Encontro com Romãozinho — (Contos Infantis), Goiânia, Oriente — 1976

Capa:

LAERTE ARAUJO

Reservados os direitos de reprodução e tradução para todos os países.

Copyright by

MARIETTA TELLES MACHADO

Gráfica do Livro Goiano Ltda.
Rua 82, nº 456 - Setor Sul
Goiânia - Goiás - Brasil

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

INDICE

Encontro com Raulozielo	9
A tração nas terminais do creche	19
O café do tarde	29
A festa do povo do bairro e da comunidade	35
Exame das de bicho	41
A vida do velho pastor	49
O menino da laranja	60

Recountei umas lendas e tirei alguns personagens do folclore goiano. Algumas lendas e toadas ouvia-as em criança e conferi-as nos livros de **Regina Lacerda** e **José Aparecido Teixeira**. A esses dois folcloristas a minha homenagem.

xxx

Também dedico este livro a

Ático Vilas Boas Mota.

ÍNDICE

Encontro com Romãozinho	9
A traição nnas terrinhas do coelho	19
O velho do surrão	29
A lenda do João-de-barro e do bem-te-vi	35
Casamentos de bichos	41
A vida do galinho pintado	49
O menino da lagoa	69

ENCONTRO COM ROMÃOZINHO

Manhã clara de domingo, com a natureza lavada pela linda chuva caída na noite anterior. Cajueiros vermelhos de frutos, pequizeiros em flor, cheiro bom de natureza se renovando. Havia a mata, do outro lado a pedreira, um verdadeiro pátio natural forrado de enormes lajes. Em uma das margens limitada por um barranco alto, corria esperto fio de água, quase escondido pelo tufo de vegetação que se debruçava sobre o barranco. A água caía em cachoeira, formando lá embaixo um poço, onde os meninos costumavam se banhar. Além da pedreira, o campo.

Esse seria para os meninos mais um domingo de passeio e de surpresas. Eles atravessaram a mata seguindo os encaracolados caminhos forrados de folhas secas. Alcançaram a pedreira, ali deixaram as mochilas e meteram-se à aventura. Iam começar apanhando caju. Cada qual queria descobrir o pé mais carregado e cada descoberta era aquela festa. Subiam pelos galhos, sacudiam-nos e o chão se forrava de vermelho. Ajuntaram

os frutos até que todas as vasilhas estivessem cheias. Sol já quase no meio do céu e a fome dando alarme, decidiram voltar à pedreira para o lanche. Quico, o maior do grupo, vinha sempre à frente. Andava depressa como se tivesse bota de sete léguas. As meninas gritavam:

— Me espere, Quico. Ele respondia:

— Mulher é bicho mole, fica andando igual lesma.

— Espere, chefinho.

De nada adiantava. Elas que apressassem o passo se não quisessem ficar perdidas.

Assentaram-se numa das lajes para descansar um momento. Olavinho foi apanhar a comida. Haviam-na deixado escondida num buraco do barranco. Surpresa: nada encontrou. Quem sabe se eu me enganei, pensou.

Procurou em todos os lugares possíveis. Nada. Então deu o alarme:

— Gente, o lanche sumiu.

— Sumiu como?

— Sumiu.

— Ah, Olavinho, você é um lerdo, não procura direito.

— Lerdo? Tente procurar! Dou um prêmio pra quem encontrar.

Todos se levantaram e começaram revolver o barranco, mexendo nas moitas, nos tufo de capim, nas plantas rasteiras.

— Olhe, Olavinho, brincadeira tem hora. Isso é arte sua.

— Arte minha? Mais fácil ser sua, que é metido a engraçadinho.

— Engraçadinho é você.

— Vão brigar agora, é? falou Babi.

— Olhe, o tempo que está da^odo palpíte, procure direito. Aliás, isso pode ser arte das duas donzelas.

— É, tudo de errado, culpa das meninas. Pura discriminação.

— Burrice pensar que foi um de nós. Não estávamos todos juntos?

Procura daqui, procuram dali. Nada. Começaram a perder o fio da meada.

— E agora?

— Temos que voltar.

— É medo?

— Não, por causa da comida.

— Tem caju.

— Muito bom, passar um dia comendo caju.

— Melhor que nada.

Haviam deixado os cajus sob uma árvore próxima da pedreira. Ao chegarem ali, encontraram um monte de caju ao pé da árvore. As cestas haviam desaparecido.

— E essa, agora?

Ouviram um ruído nos galhos, uma risadinha, um baque no chão. Um ser saiu em doida carreira. Seria bicho? Seria gente?

Quico era valente de verdade. Olavinho também. Mas que estavam desconcertados, isso estavam. Babi olhou pra cima. Lá estavam dependuradas, bem atadas com cipó, todas as cestas.

— Isso pode ser obra de macaco.

Olavinho subiu. Desamarrou o vasilhame. Tornaram a recolher os cajus e voltaram pra pedreira.

— Chupem caju, gente.

Ninguém tinha ânimo.

Aí Melela lembrou-se de que estava com muita sede.

— Nossa, e os copos?

— Fazemos copos de folha.

— Vamos tomar pito. Eram os copos de alumínio da vovó.

— Não foi culpa nossa, ora!

Ficaram calados e pensativos por um momento. Só se fosse gente. De certo era gente invisível.

— É assombração, Quico.

— Deixe de ser boba, menina. Primeiro a assombração não existe. Segundo, se existir só aparece à meia-noite.

— Minha tia disse que aparece a qualquer hora. A mulher do vaqueiro contou que viu a mula sem cabeça.

— Deve ter sido de noite e no tempo da quaresma.

— Dizem que naquela gameleira do curral da fazenda de meu tio tem dança de esqueleto toda sexta-feira à meia-noite.

— Olhe, gente, é melhor parar com essas conversas.

Melela já não conseguia esconder seu pavor.

De repente viram as moitas de cima do barranco se mexendo. Em seguida um ruído de correria. Levantaram-se todos ao mesmo tempo. Encontraram as sacolas do lanche. Verificaram. Den-

tro estavam todos os apetrechos, inclusive os copos. A comida mesmo se fora.

Quico ponderou:

— É melhor a gente voltar.

— E o banho no poço? E a armadilha pra coelho?

— Fica para a próxima.

Voltariam pelo mesmo caminho, atravessando a mata. A mata era relativamente nova. Há muitos, muitos anos houvera ali uma floresta virgem, cheia de animais grandes e perigosos. Hoje, essa mata teria seu meio século de existência, sendo habitada por animais de pequeno porte e inofensivos: macacos, coelhos, galheiros etc. Podia ser que houvesse algum lobo, desses que gostam de comer as flores dos pequizeiros. Ou alguma oncinha numa furna muito escondida. Ali dentro era um frescor, com mil trilheiros forrados de folhas secas, fontezinhas brotando de surpresa, lindas borboletas a esvoaçar, cipós e parasitas despencando-se das árvores esguias. Os meninos estavam um pouco assustados. Apanharam as coisas rapidamente.

— Eu vou à frente, você atrás e as damas no meio, ouviu, Olavo?

E entraram na mata.

Andaram um pouco em silêncio. De repente Quico parou.

— Será esse o caminho?

— Bonito, não é, seu Quico? Só faltava essa.

— Bonito o que? Só eu que sou obrigado a saber o caminho?

Um animal guinchou e os sons se prolongaram em eco.

— Nossa Senhora! Exclamou Melela em pânico.

— Calma, por favor. Não faça escândalo. Gente covarde não deve entrar nessas.

— Também não precisa grilar, chefinho.

— Calem a boca, gente.

— Seguimos?

— Em algum lugar a gente há de chegar.

Prosseguiram a caminhada. Uma ave cantou. Que ave seria?

De repente ouviram a mesma risadinha de antes.

— Santo Deus! Bicho não ri.

— Psiu!

Uma voz ecoou:

— O caminho tá errado! O camiiiiinho tááááá erraaaaaadoooooo!

— Ouviram? perguntou Quico com os olhos arregalados.

— Claro!

— Quem sabe se a gente para um pouquinho?

— Você está é louco, chefe. A gente tem é que sair dessa mata o mais depressa possível.

— Então vamos. Rápido.

— O caminho tá errado! . . .

A mesma voz, o mesmo eco prolongado agitou a mata.

E a mesma risada.

— Vamos parar ali debaixo daquele angico.

Quico se esforçava para manter sua dignidade de chefe.

— Pra que parar, Deus do Céu?

— Pra raciocinar.
— Quem sabe se a gente volta?
— Não. A gente para um pouco. É bom que se descansa. Os cestos estão pesados.

— Estou morrendo de sede.
— Lamento, mas não se vê água por perto.

Pararam. Espreitaram em todas as direções. A perturbação era demais, porisso não distinguiam bem o caminho certo. Um bando de periquitos passou em algazarra. Em seguida o silêncio. Um cipó cruzou o espaço com algo dependurado em sua ponta. E aquela risadinha.

Seria macaco? Macaco não ri.

O cipó voltou. Algo pousou no chão. Era um bicho e andava como gente. Do tamanho do Olavinho. Preto que reluzia. Não tinha rabo, nem nada.

Era bicho? Macaco não era, porque macaco tem rabo. Macaco não anda desempenado como gente. E ele, o coisa, tinha cabelo, cabelo encardido. Ele caminhou agarrado na ponta do cipó e chegou perto dos meninos.

— Vem, que eu mostro o caminho. E bem no ouvido da Melela:

— Menina bonita! A comida tava ótima.

Os meninos deram-se as mãos e começaram a correr sem destino.

— É por aqui! É por aqui! Vem sem medo!

Deu um estalo na cabeça do Quico. Ele agarrou o Olavinho e falou-lhe ao ouvido:

— É o Romãozinho, companheiro. Ele é legal. A gente não precisa ter medo. Escutem, Melela e Babi, calma!

Quico conseguiu acalmá-los por um momento. Começaram a andar mais devagar. Colocou o polegar e o indicador na boca e deu um assobio prolongado.

— Perdeu o juízo, Quico? disse Melela quase chorando, a cravar-lhe as unhas no braço.

Quico não respondeu, mas assobiou mais duas vezes. O negrinho apareceu amontado num macaco.

— Cadê o caminho, companheiro? falou Quico valente como gente grande.

— Venham por aqui. O macaco dava rápidos saltos. Os meninos correram para não perdê-los de vista. Chegaram a um trilheiro largo.

— É aqui.

— Obrigado, Romãozinho.

— De nada. Da próxima vez me deixem a matula nesta encruzilhada. Eu não roubarei a merenda de vocês. Tem muita coisa bonita aqui na mata. Eu guiarei vocês.

Passou pertinho da Melela e disse ao seu ouvido:

— Adeus, menina bonita.

O cipó riscou o ar. Seguiu-se uma risada estridente. Parece que a mata teve um arrepio. Os pés apressados na corrida faziam chiar as folhas secas. Os raios de um sol vivo começaram a penetrar pelas bordas da mata. Lá ao longe, no fundo do vale apontou a casa. E foi com alívio que os meninos a enxergaram.

A TRAIÇÃO NAS TERRINHAS DO COELHO

O Coelho era dono de um pedacinho de terra, não dos melhores para mochar. Deu-se por feliz com isso. Ele gostava, sobretudo, de ir trabalhar a filha para o trabalho mas a peça não dava muito grande. Naquele dia, porém, que a filha foi muito trabalhada, o Coelho estava pensando em uma...

— O irmão do João...

— É isso, Compadre, você conhece aquele rapazinho que mora lá perto da casa do João? Foi de certeza de ruído, de ruído logo lá fora. Foi quando mandou ir a terra e ir a facilitante?

— Ora, meu padre Marcelo, respondeu o Coelho, não sou eu quem vou trabalhar dia inteiro para conseguir a terra? Onde é que vai conseguir com tal de...

— Terminando, meu João e Marcelo...

— Pois é isso mesmo, não é?

O Coelho era dono de um pedacinho de terra, não dos melhores para produzir. Devia ser terra cansada. Ele plantava, pelejava, levava mulher e filhos para o trabalho, mas a roça não dava quase nada. Naquele ano, então, que a seca fora muito prolongada, seu Coelho estava passando por uma situação muito difícil. A casinha ali pra levantar, os adobes feitos, os esteios lavrados, mas cadê tempo?

O macaco lhe dizia:

— É isso, Compadre, você continua usando métodos ultrapassados para cultivar a terra. Isso de capinar de enxada, de tocar fogo já era. Por que não mandar arar a terra e usar fertilizantes?

— Ora, compadre Macaco, respondia o Coelho, onde é que vou arranjar dinheiro para comprar arado? Onde é que vou conseguir esse tal de fer... fer...

— Fertilizante, emendou o Macaco.

— Pois é isso mesmo, aonde?

— Ora, a raposa aluga arado e tem fertilizante pra vender em sua fazenda, no armazem.

— É, mas olhe o preço que ela cobra. Nem a colheita toda dá pra pagar.

O macaco, bom vizinho, ficou pensando, pensando preocupado com o problema do coelho. Meditou uns três dias, por fim descobriu como ajudá-lo.

— Genial! Genial! Genial!

Saiu ele dependurando-se nos galhos, pulando e gritando.

O bicho preguiça, com a calma de sempre, perguntou admirado:

— Uái, macaco, ficou doido?

— Ah, é você, bicho preguiça? Pois muito bem. Você, sempre desocupado, vai ganhar um serviço agora. E é pra ficar esperto, escutou?

— Então diga, seu Macaco, mas nada de ameaças.

— Vamos dar uma traição (1) no coelho. Você sabe como anda a vidinha dele, dura, não é mesmo?

— Vida dura pra todos nós com essa sequidão. O sapo anda lá no brejo com uma tristeza!... Canta que vara a noite.

(1)O mutirão é a ajuda, em trabalho, que os vizinhos dão a algum sítante ou agricultor pobre, às vezes em dificuldade. Os vizinhos compõem com as suas ferramentas ou utensílios para roçar ou capinar uma roça, para abrir ou limpar rego d'água, para levantar um rancho etc. Em Goiás o MUTIRÃO toma a forma particu'ar de TRAIÇÃO, porque são os vizinhos que organizam, às escondidas, o grupo de trabalhadores para ajudar o companheiro necessitado.

— Bem, o negócio então é esse, vamos dar uma traição no coelho. Você vai chamar o sapo, o coati, o caetetu pra gente combinar, tá legal?

Numa manhã de sábado, madrugada, sol saindo, canto de passarada, cheiro de flores se abrindo, lá vai a turma da traição. À frente, o macaco amontado numa mula, lenço preto no pescoço, puxando a égua magra carregada de matula. A raposa, dona de muita terra e sovina como o diabo, ficou encarregada da comida. Assim mesmo era bom levar a matula. Seguro morreu de velho. O coelho, todo mundo sabia, andava numa pobreza de fazer dó. Não podia mesmo fornecer a comida.

A turma vai animada. De noite tem cachaça, tem catira, tem pagode. Tem moça bonita. Sapo cantará de viola em punho, jacaré de violão, cotia e calango no pandeiro, piolho de cobra na sanfona. Vai ser bom, ora se vai.

Macaco segue imponente, orgulhoso de sua liderança. Desceram a encosta do morro. Lá embaixo se vê o ranchinho do coelho quase caindo aos pedaços. Subia uma fumacinha fraca pela chaminé, que a brisa da madrugada fazia dançar.

Macaco parou um momento. Desceu da mula e pediu aos companheiros um minuto de atenção:

— Então vocês já sabem. Dez bichos pra levantar a casa. Vinte pra roçar o meio alqueire de chão. As mulheres vão cuidar da comida e da fição.

— Ei, mundão de Deus! Que teremos pra co-

mer! falou porco do mato que só pensava em comida.

— Silêncio! gritou com energia o macaco. Os três tatus serão os cabaceiros (2). Gambá, caetetu e lagarto vão servir o quentão. Jacaré vai dirigir o catira. E o lobo vai marcar a quadrilha.

— A onça olhou de lado.

— Nessa eu não entro.

— E o piolho de cobra, já está com os cento e cinquenta dedos afiados?

— Tão coçando pra dedilhar uma sanfona de cento e vinte baixos.

— Ei diacho, vai sobrar dedo.

E a bicharada ria de animação.

— Como é, dona raposa, não vai matar a gente de fome?

A raposa olhou com cara de poucos amigos. A onça, sua velha inimiga, falou com zombaria:

— Ah, minha gente, ouvi dizer que tem pelota de carne de novilha, arroz com pequi, frango com macarrão e tutu com torresmo.

A raposa estava muda de ódio. Não adiantava contestar a onça. Além do macaco, a siriema trouxe sua comida. Ela gosta de comer bem e essas comidas pra muita gente nunca são boas.

Passaram a pinguela do corregozinho. Corria apenas um fio de água. Lontra olhou com olhos gulosos pra ver se havia algum peixe. Que nada. Peixe viver na areia não dá.

À porta do rancho, macaco gritou:

(2) Os que conduzem água para os que estão trabalhando.

— Ô de casa! abre a porta. Compadre coelho!

O rancho era de pau a pique. O coelho foi retirando com paciência os paus da porta. Apareceu esfregando os olhos. O dia estava com uma claridade de diamante.

— Compadre macaco!

— Ei, coelho, viemos te prender.

O coelho olhou assustado sem compreender. A mulher foi chegando de cabeça baixa, esfregando aflita as patas dianteiras. Os coelhinhos se agarraram à mãe espantadinhos.

— Bom dia, coelho! disseram em coro muitas vozes.

— Que é isso, minha gente? O pobre bichinho coçou a orelha atrapalhado.

— É uma traição, meu compadre. Viemos ajudar você a roçar seu eito de terra, a levantar sua casinha.

— Êi gente boa! O coelho saiu dando mil pulos.

— Amolem a foice ligeiro! Agarrem, meu povo.

— Vamos tomar um cafézinho primeiro, moçada, falou o dono da casa.

— Não se preocupe, meu compadre. Nós trouxemos tudo. Dá licença que a mulherada vai cuidar das coisas.

— Vamos pegar o meio alqueire, gente. Dez de lá e dez de cá. O bandeira tem bons músculos, vai cuidar dos esteios. E os tatus nos intervalos vão furar os buracos.

— Trabalhe, gente, que de noite tem pagode e tem quentão.

A bicharada trabalhou com afinco. O bandedeira, pra exhibir os músculos foi derrubar uma peroba. Ela caiu em cima do jirau e foi aquela quebradeira. Mas ninguém ficou com raiva. Tudo era festa. A sapinha, a moça mais bonita, ficou o tempo todo namorando com o cururu. Mesmo assim fiou três quartos de linha. Ôi moça prendada. Ainda por cima bonita.

Chegou a noite. A animação era demais. Todo mundo com a garganta seca esperando o quentão. Sapo pegou firme na viola. Jacaré no violão. Cotia e calango no pandeiro. Piolho de cobra na sanfona.

O sapo tomou o primeiro gole de quentão e ficou animado. Chamou o jacaré pro desafio:

“Senhora dona da casa,
Escuta o que vou dizer,
Festa boa como esta
Não é fácil de acontecer.”

O jacaré não se fez de rogado. Tomou um gole de cachaça pura e respondeu:

“Senhora dona da casa
Escuta o que eu vou falar,
Esta festa está tão boa,
Que não pode se acabar.”

A raposa tinha fama de repentista. Logo lhe gritaram o nome. Ela já estava bem alegre. Pegou a viola e sapecou:

“Me mandaram aqui cantar,
Pensando que eu não sabia,
Eu não sou como tatu,
Que não canta e nem assobia”.

O tatu pediu seu amigo jacaré para se sustentar no violão e soltou essa:

“A raposa goza de fama,
De ser boa cantadeira.
Chega aqui é um vexame,
Só sabe dizer besteira.”

Resolveram a parar o desafio pra começar a quadrilha. O lobo foi firme na marcação:

“Balancê, minha gente . . .
Caminho da roça . . .
Evém chuva . . .”

A festa foi esquentando. O coati começou a namorar a cotia. O caetetu com ciume armou aquela. Foi preciso chamar o pelotão de queixada pra levar o caetetu preso, pois ele ameaçava todo mundo com sua valentia. O lobo, depois da quadrilha, ficou meio alto com o quentão. Derrubou o burro, que caiu por cima do violão, que ficou em caco. Daí o jacaré, para restabelecer a paz, chamou os machos pro catira. Fizeram a roda. O sapo sempre animado entrou com a viola. As palmas soaram fortes e os sapateados levantaram a poeira do chão.

A madrugada já estava chegando. O lobo não podia deixar de dar das suas. Disse que estava com fome e que qualquer bichinho miúdo servia. A onça que não é miúda mas tem um medo da-

nado do lobo, deu o pira. Nisso a bicharada emendou atrás. O coelho, diplomata de nascença, perguntou ao lobo:

— Olhe, seu lobo, eu tenho aqui uma galinhazinha, que de vez em quando bota um ovinho pra meus filhos. Se o senhor quiser, a gente pode fazer uma galinhada.

— Assim é que fala, coelho. Isso é que é ser anfitrião.

— Vá, mulher, ande, que o lobo está com fome.

O lobo comeu a galinha quase sozinha. E não dava sintoma de partir. O coelho muito jeitoso lhe disse:

— A gente está cansado, não é, seu lobo? Mas foi um dia bonito. Minha rocinha está aí prontinha. Minha casinha também... Por falar em casinha, não convido o senhor pra dormir, porque um rancho desse não é lugar pra gente de sua dignidade. Quando eu estiver na casinha nova... A coelha começou a abrir a boca num bocejo de engolir lobo e tudo. O marido deu-lhe disfarçadamente um beliscão daqueles de ficar roxo. Onde se viu fazer feiúra à frente do lobo.

Finalmente, o convidado decidiu sair. Estava com a barriga cheia. Assim mesmo soltou uns urros na mata escura. A lua minguante se assustou e mergulhou depressa no horizonte. Houve na mata um sussurro de terror. Depois veio um dia bonito pra iluminar a moradinha do coelho. E ele estava feliz.

O VELHO DO SURREÃO

Rodolfo era velho, a maioria dos parentes.
— “Por que se vai morrer e se chorada, heina, mãe?”
— “Porque eu não de cinco dias de mais e a mãe
me responde?” “Por que se vai chorada e se lenda
sem paradas?” Mas era também a maioria de todos.
Quando queria uma coisa, fazia. Por mais que a
mãe lhe dissesse: “Não faça isso, depois
você esmerde”. O entendimento vem com o tempo.
Quando você cresce, entende-se muito coisa.
— “Por que é preciso que eu vá para cá então?”
— “Por qual? Por que?”

Ela se lembra de seu filho do correio, Genara
de ver os moribundos fazendo pedregulhas de barro
para construir suas casas. Ou os pássaros escolhendo
os ninhos para construir seus ninhos. Ou
os minhocas filhotes negros dos barrancos das
caldas indesejadas para construir seus
E ficava ali, estivesse a mãe lhe dizendo que era
falso.

Um dia se tornou o velho do surreão.

— “Vem cá, menino, que eu te conto uma
de moral.”

Rosinha era assim, a menina dos porques. “Por que o sol nasce e se esconde, heim, mãe?” “Porque eu grito de cima daquele morro e a mata me responde?” “Por que os rios correm e os lagos são parados?” Mas era também a menina da teima. Quando queria uma coisa, fazia. Por mais que a mãe lhe dissesse: “É perigoso, minha filha, depois você entenderá. O entendimento vem com o tempo. Quando você crescer, entenderá muita coisa.” “Por que é preciso que eu cresça para entender?” Por que? Por que...?

Ela ia sempre pra beira do córrego. Gostava de ver os maribondos fazendo pelotinhas de barro para contruir suas casas. Ou os pássaros escolhendo raminhos secos para construir seus ninhos. Ou os minúsculos filhotes negros dos batráquios dançando indefesos nos pequenos poços. E ficava ali. E ficava ali, embora a mãe lhe dissesse que era perigoso.

Um dia apareceu o velho do surrão.

— Vem cá, menina, que eu te conto uma linda história.

— Que história tem o senhor pra me contar?
— Chega perto do meu surrão, que linda história tu ouvirás.

Rosinha aproximou-se do surrão. Num instante o maldoso velho meteu-a dentro. Ela ainda pediu com a voz abafada:

— Conte-me, vovô, a história que o senhor tinha pra me contar.

O velho fechou a boca do surrão, pegou seu bordão e saiu pro mundo. Quando ele chegava à porta das casas, dizia:

“Quem quiser ouvir o meu surrão
Pague-me um tostão,
Que ouvirá
Uma linda canção”.

As pessoas pagavam e ele batia com toda força e maldade no surrão e a menina cantava uma canção muito triste:

“Adeus, pai, adeus ó mãe,
Me despeço, querido irmão
Hoje ando pelo mundo
encerrada neste surrão.

Bem dizia a mãe querida,
Que eu não fosse pra fonte não.
E esse velho enganador
Me prendeu neste surrão”.

E o velho saía pelo mundo anunciando o encantamento do surrão. As pessoas davam dinheiro. A vizinha triste e dolorosa cantava. Cantava

pra pessoas que pagavam e ficavam maravilhadas com o surrão encantado. O velho andou mundo, ganhou dinheiro. A menina estava exausta e faminta, triste e sofrendo. Um dia aconteceu que ele foi parar na casa de uma parenta da menira. A parenta gostava de coisas encantadas. Quando o velho anunciou o encantamento, ela pagou pra ouvir. Prestou atenção naquela voz meiga e triste.

— Gente, eu já ouvi essa voz! disse pra si mesma

E como era esperta, deu bastante vinho pro velho. Ele bebeu muito, ficou falador e contava dos milagres de seu surrão. Mas bebeu tanto, que adormeceu num sono de pedra. A velha senhora abriu o surrão, reconhecendo a menina que havia desaparecido fazia tempo. Estava magra, magra e muito triste.

— Esconde, esconde, menina, que eu vou te libertar.

Dentro do surrão colocou uma pedra bem grande.

O velho despertou assustado, com a cabeça pesada. Pegou depressa o surrão agradeceu o pouco forçado e partiu.

Andou léguas e léguas. Parou na primeira pousada e repetiu o de sempre. Pegou o bordão, deu com força no surrão. Silêncio completo. Insistiu. Nada. Então ele descobriu. Era uma pedra. Aonde estava a menina? Teria virado pedra de tanto sofrer?

Rosinha voltou pra sua mãe. Continuou perguntando, mas reconheceu que sua mãe era crescida e entendia muito mais das coisas que ela.

A LENDA DO JOÃO-DE-BARRO E DO BEM-TE-VI

João-de-barro havia acabado de trabalhar na cozinha. A porta era da lado oposto ao poço, pois nascera sem as chaves viradas do lado. João-de-barro entrou de novo. E parou de casa toda de novo, prevenido a estação das águas. Seu vizinho tinha uma mulher que gostava de ir à praia. Na época, estava sempre por ali para ajudar a mulher na busca de conchas para os filhos, até que ela se empertugasse, cuidando de si e fossem capazes de sobreviver. João-de-barro e Bem-te-vi eram amigos. Mas João-de-barro achava seu amigo muito capotado e leviano. Ele dava notícia de tudo quanto acontecia na mata. João-de-barro não gostava de muita conversa.

— Saiba que a esposa com a pérola tiveram um peço!

— Que me importa a vida dos outros?

— Não assim Bem-te-vi se empertugava.

Naquele tempo João-de-barro estava por aí de novo, fugido dos porcos do lado. Tinha muita coisa

João-de-barro havia acabado de construir sua casinha. A porta era do lado oposto ao poente, pois naquele ano as chuvas viriam do leste. João-de-barro entende de tempo. E muda de casa todo ano, prevendo a estação das águas. Seu vizinho era o Bem-te-vi, que na árvore mais próxima tinha feito seu ninho. Bem-te-vi tinha filhotes. Na época, estava sempre por ali para auxiliar a mulher na busca de comida para os filhos, até que eles se emplumassem, cuidassem de si e fossem capazes de sobreviver. João-de-barro e Bem-te-vi eram amigos. Mas João-de-barro achava seu amigo muito tagarela e leviano. Ele dava notícia de tudo quanto acontecia na mata. João-de-barro não gostava de muita conversa.

— Sabe que a siriema com a perdiz tiveram um pega?

— Que me importa a vida dos outros?

Nem assim Bem-te-vi se emendava.

Naquele tempo, Jesus andava por aquela região fugindo dos perseguidores. Tinha muita coisa

a ensinar aos homens na terra. Os que o amavam e escutavam seus ensinamentos, procuravam ajudá-lo e ouvi-lo. Numa tarde, lá vinha Jesus com sua mãe, cansado, perseguido, trazendo no manto a poeira dos caminhos e nos pés cansados a andança de muitas léguas. Nossa Senhora, boa mãe, com a cabeça encapuçada, vinha seguindo o filho para apoiá-lo e ajudá-lo. João-de-barro viu os dois chegando, voou a acolhê-los.

— Entre aqui, Jesus, com Nossa Senhora. Minha casinha é pobre, mas servirá para abrigá-los.

— Obrigado, João-de-barro. Eu amo os humildes acima de tudo. Não me esquecerei de sua generosidade.

Mal entrou Jesus com Nossa Senhora chegou a malta dos perseguidores, com bordões e espadas. O chefe perguntou ao João-de-barro:

— Você não viu passar por aqui um homem barbudo, moço, de manto branco e uma mulher encapuçada?

— Não senhor, por essa estrada não passou ninguém.

Os homens prepararam-se para seguir a jornada.

Bem-te-vi encarapitado no galho, próximo a seu ninho, observava os acontecimentos.

O chefe dos perseguidores falou:

— Se alguém me mostrasse esse homem, teria boa recompensa.

Bem-te-vi, ouvindo aquilo, começou a cantar:

— Bem-te-vi! Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Os perseguidores ouviram a algazarra do pás-

saro delator. Mas não entenderam ou não quiseram dar-lhe crédito. Embainharam suas espadas, seguraram seus bordões e seguiram sob o sol quente a rota de suas perseguições.

Cristo saiu da casinha do João-de-barro, ergueu sua santa mão e disse:

— Bendito sejas!

E virou-se para o Bem-te-vi:

— Assim cantarás até o fim dos séculos, pássaro delator.

Porisso, o João-de-barro é um pássaro abençoado.

O Bem-te-vi, tagarela e leviano, segue cantando pelos séculos a fora:

— Bem-te-vi! Bem-te-vi! Bem-te-vi!

CASAMENTO DE RICHOS

Quem é quem

Seu Ceará era o pai da prova, a Quindimbu
Gente boa, respeitada na floresta. Certo dia
uma dúvida, uma questão, um problema a respeito
de mais ou menos. E logo
culto, enfeitado, com o seu jeito. Se
Geopina é excelente mas, ah! super mãe. E Deus
ou seja a cafilhinha no terra. Os filhos não a
dolo no pai? devem ser culado. Lixo, potentes etc.
Não são o quê, primo de um mamão, a ca-
rta da família, o mamão Simão. Não esculha ca-
ra, não seja mais esta brincadeira de mais ainda.
Quando vierem a floresta o ministro Leonardo,
em nome do pai, o mamão Simão dos filhos cascos
de fofos, pedras de vidro e outras coisas mais.
Ele fizera muito, não participaram, mas por sua
força. Ceará e Deus o estudante mole de seu
Quindimbu não recebera tão das coisas herança.

A professora era a dona Curula. Professora
exclusiva. Um luxo. O programa dela era o de

Quem é quem...

Seu Guariba era o pai da noiva, a Guaribinha. Gente boa, respeitada na floresta. Quem tinha uma dúvida, uma questão, um problema, a resposta precisa ia encontrar com Seu Guariba. Ele é culto, entendido, sensato, bom conselheiro. Sá Guariba é excelente mãe, aliás, super-mãe. É Deus no céu e os filhinhos na terra. Os filhos tem o modelo no pai: devem ser cultos, finos, cortezes etc. Não como aquele primo de má memória, vergonha da família, o macaco Simão. Não escolhia cara, nem hora para suas brincadeiras de mau gosto. Quando visitara a floresta o ministro Leopardo, em pleno desfile, o macaco Simão lhe atirou cascas de frutas, pedaços de cipó e outras coisas mais. Ele fizera aquilo, não por terrorismo, mas por molecagem. Graças a Deus a excelente prole de seu Guariba não recebera tão desonrosa herança.

A professora era a dona Coruja. Professora exclusiva. Um luxo. O programa dela era o se-

guinte: ler, escrever e contar, fauna e flora da floresta. Depois de uns tantos anos, quem passasse nos exames gerais recebia o diploma de mestre doutor. Ela era da velha escola, nada de liberdade sem medo. . . Os exames, fazia-os à moda chinesa antiga. Encerrava os alunos, incomunicáveis, na fuma da floresta e interrogava-os horas e horas, dias e dias até chegarem à exaustão. Também era a glória ser mestre doutor.

Sá Guariba queria que seus filhos fossem mestres doutores. Daí estar um pouco contrariada com o casamento da Guaribinha. Imagine, tão menina casar-se. Vai cortar a carreira. Mesmo assim, concordou porque tamanduá era um jovem poeta. Tinha futuro. Um dia, quem sabe, seu nome correria pela floresta. Os poetas são um pouco desligados. Tem os pés longe da terra e a cabeça nas estrelas. Mas afinal de contas, teria mais honra em ser sogra de um poeta que de um executivo. . .

Os planos para o casamento. . .

Enfim o casal Guariba concordou com o casamento. Gente de relevo na floresta, o casamento teria de ser à altura. Formou-se uma equipe de numerosos componentes, com a raposa encarregada da coordenação. A festa não deveria ter uma falha. Assim o coelho foi encarregado de fazer a saca do noivo, bem como encomendar os acessórios: sapatos, luvas, cartola etc. Para esse fim, ele fez uma viagem. A aranha teceu o vestido da renda mais fina. A noiva preferiu vestido amarelo claro, em vez de branco. A siriema vestiu a noiva e fez-lhe o penteado. A garça e a coelha fizeram a decoração. Conseguiram parasitas com flores ra-

ras, trepadeiras florida se fizeram cada arranjo, que foi um sucesso. A rainha das abelhas cedeu um suprimento de mel. Os irmãos e primos de Guari-
binha encarregaram-se das frutas. O sabiá foi o re-
gente da orquestra à hora da cerimônia. E quem
tocou no baile foi o sapo com seu conjunto "Os Pi-
lantras". E houve outros que seria longo enume-
rar.

A festança. . .

O leão foi o juiz. Chegou com aquela juba enorme, última moda. Juiz também gosta de andar na moda, ora. Parece que por ele estar assim cabeludo, os bichos ficaram um pouco mais à vontade. A bicharada tem um respeito danado pelo leão. . . A noiva vinha tremulazinha, envergonhada, de braço dado com seu noivo. O poeta tamanduá tinha mais que nunca os olhos nas estrelas.

Houve almoço para convidados especiais. Muitos bichos se sentiram ofendidos, porque achavam que tinham dignidade para comparecer ao "lauto" almoço. Mas a sociedade tem dessas coisas. . .

Entretanto, o baile foi para todos, para honrados e ofendidos. O sapo com seu "Os Pilantras" foi um barato. A noite passou alegre com muitas acontecências. Um dos convidados era o mosquito, marido da Sá Formiga. Bicho sistemático, não gostava de bailes. "Vamos embora, mulher, que aqui hoje tem briga", era essa cantilena no ouvido da mulher. Ela, aborrecida respondia: "Que diabo, mosquitinho, isso aqui é festa elegante não é qualquer arrasta-pé. Ora, briga. . ." "Você acha

que granfino não briga, mulher? Ponha-lhe pinga no caco, que ele solta as plumas. . .”

O tatu estava meio de lado. Resolveu convidar a capivara para dançar. Ele não era muito cotado no meio das damas, porque tem o casco duro e as unhas muito grandes. Capivara imponente e orgulhosa respondeu: “Gente como tatu não pega na minha cintura”. O tatu ficou grilado e começou a armar um bafafá.

O besouro, orgulhoso como ele só, passou perto de seu amigo pinhém e fingiu que não o conhecia. O pinhém pra se vingar disse: “Você me paga, nanico”. E passou-o no bico.

Já era alta madrugada. O Guariba não desejava que sua festa terminasse em desordem, como tantas outras ali na floresta. Disse prós bichos que desculpassem, mas a lua estava querendo se recolher. Ela colaborara com eles iluminando a mata inteira noite inteira. Tinha que ir embora, pois no dia seguinte iluminaria a noite de outros mundos. Portanto, era hora de terminar a festa.

O macaco velho, vendo que o ambiente ia esquentando, resolveu pedir licença ao noivo para dançar com a Guaribinha. O noivo, naturalmente, não fez questão. O par dançou uma valsa. Depois o coati convidou a paca para dançar um tango. Os bichos fizeram uma roda grande e aplaudiram a exibição. Depois o papagaio foi dançar com a lagarticha, mas não acertou um passo. Mas o sapo-gia, marido da perereca, salvou a situação: dançou um samba quadrado com a lagarticha, que dava gosto.

Era hora de acabar.

A lua desceu pro horizonte. Coruja piou ao longe. Passarinhada pôs-se a saudar a madrugada. Lá vinha o sol, um novo dia e a vida sempre adiante. . .

Assim terminou a festança do casamento da Guariba com o Tamanduá.

A VIDA DO GALINHO PINTADO

A VIDA DO GALINHO PINTADO

Com meu filho, os vovós chegaram muito cedo, e lá eles ficaram a só esperar um ou dois. As duas crianças um só e da sorte. Eu sempre fui boa peodora. D. João não queria que eu chegasse para não perder os ovos. Quando eu chegava ao deca de chegar, ela me parecia muito malida. Ela se fez um ninho no interior da cozinha, num lugar bem difícil para ela não encontrar. Só depois de um e dois ovos nasceu um.

O Pintado achava a vida, galinha branca, e logo entrou no terreno. As outras galinhas em 15 dias podem fazer um bom galinheiro, em algumas, em algumas, de sorte que ele vive durante a vida inteira, até que ele se vá a vida dele. "Vou fazer um ninho", ele me dizia, e eu me lembro.

Pintado nasceu sozinho. Quando já crescido e começando a entender as coisas, perguntou à mãe:

— Mãe, por que não tenho muitos irmãozinhos? Olhe a galinha Preta como tem uma ninhada!

Ora, meu filho, às vezes chocamos muitos ovos, mas eles goram e só vingam um ou dois. Às vezes chocamos um só e dá sorte. Eu sempre fui boa poedeira. D. Joana não queria que eu chocasse para não perder os ovos. Quando eu estava na época de chocar, ela me prendia numa gaiola. Aí eu fiz um ninho no barranco do córrego, num lugar bem difícil para ela não encontrar. Só botei um ovo e desse ovo nasceu você.

O Pintado achava a mãe, galinha Branca, a mais bonita do terreiro. As outras galinhas ou tinham cores feias, ou eram gordas, ou peladas, ou arrepiadas, de sorte que ele vivia dizendo aos companheiros que sua mãe era a mais linda. “Você acha sua mãe linda”, os amigos lhe diziam, “mas as

nossas mães também são. Todas as mães são bonitas e boas. Não vê que elas vivem procurando coisas pra gente comer, levam-nos à beira do rego para beber água, de noite nos guardam debaixo de suas penas para nos protegerem contra o frio, a chuva e os perigos?”. “É mesmo, as nossas mães são muito legais”, concordava o Pintado.

Pintado gostava de contar suas aventuras. Uma tarde, reunido com os companheiros à sombra do pé de conde, começou a contar: “Um dia minha mãe me disse: “Meu filho, você já está crescendo, é tempo de que eu o leve para fora do terreiro. Vamos dar um passeio”. “Oba, oba, mamãe, até que enfim vamos conhecer um pouco do mundo”. Saimos para o pasto do morro. Era tempo das águas, estava tudo muito verde, as barrigudas cheias de flores cor de rosa, os pequizeiros floridos, uma beleza. Minha mãe andava depressa, chamando-me. Eu sempre me atrasava, porque era pequeno e estava deslumbrado com o mundo. Ela achava uma formiga, um grilo e gritava-me: “quiri quiri... quiririquiri...” Eu corria. Até as flores da barriguda nós comíamos. Vocês já experimentaram? É uma delícia. Melhor do que a ração de D. Joana. Teve uma hora minha mãe se distraiu e eu fiquei vendo um montão de formigas cabeçudas que caminhavam em fila carregando folhas. O chão estava úmido, porque na noite anterior chovera. Sempre que pressentem o sol, as formigas saem em busca de alimento. Quando eu vi, uma ave grande de penas pretas e peito branco, de bico curvo, veio voando em roda, fazendo voltas cada vez menores até quase esbarrar em mim.

Eu me assustei e pensei que ela podia machucarme com aquele bico encurvado e as garras perigosas. Aí minha mãe percebeu e gritou apavorada: “Corra, meu filho, é um gavião!” O susto veio, eu tremia, tremia que meus pés quase não saiam do lugar. Conseguimos nos esconder em uma moita. Eu escapei por um milagre. Então eu perguntei pra minha mãe: “Que é um gavião?” “Ela respondeu: “É uma ave de rapina. Alimenta-se da carne de filhotes e de pássaros pequenos. É nosso maior inimigo. Quando nos descobre no terreiro, fica rondando na maior ousadia. Até no fundo do quintal ele vai. Já comeu outros pintos. Seu André tentou matá-lo, mas errou o tiro”. “Então, mãe, foi bem eu ter conhecido um gavião. Agora sei que é um perigo”.

* * *

Assim no terreiro passou Pintado sua infância e sua adolescência. Ia adquirindo, cada vez mais, conhecimento do mundo e experiência das coisas. Era vivo e inteligente, apreciado por todos, sempre rodeado de amigos. Havia, entretanto, certas coisas que sua mãe não revelara.

Um dia viu um reboiço no terreiro. Sua mãe cacarejava assustada, os cachorros latiam, todo o terreiro achava-se em polvorosa. Galinha Preta, mãe de Carijó, seu melhor amigo, chorava desesperada. Galinha branca falava com ela, tentando consolá-la, mas não conseguia esconder o próprio pranto. Pintado aproximou-se das duas e perguntou:

— Mãe, o que foi que aconteceu?

— Ah, meu filho, você não sabe dessas coisas. Carijó foi condenado.

— Sim, os nossos donos vão comê-lo hoje.

— Comê-lo? Mas eles também são gaviões?

— Nesse ponto são, meu filho. Tratam de nós, mas depois nos comem. É a nossa tragédia. Sobretudo para nós, mães. Quando nossos filhos estão grandes, principalmente os machos, esperamos que a qualquer momento sejam devorados pelos homens.

— Não! Não, mãe! começou a chorar e a gritar. Logo o Carijó.

— Galinha Preta pensou que ele, tão bonito, fosse ficar pra galo. Demoraram-se a pegá-lo. Muitos da idade dele já se foram.

— E eu, mãe? perguntou com ansiedade.

— Não. . . não sei, meu filho. Eu nunca tinha revelado a você essa triste verdade. Sempre que iam pegar um frango, eu o afastava e dava uma desculpa. Agora já sabe.

— Eu juro, mãe, que nunca me pegarão. Eu fugirei. Fugirei até o fim do mundo. . .

Galinha Branca ficou feliz com a coragem do filho, porém sabia que mais cedo ou mais tarde ia perdê-lo, quer ele fosse condenado, quer fugisse. Pintado notou que a maioria dos frangos de sua idade sabiam daquela sorte. Eles nem davam bola. Namoravam as frangas, entravam nas roças de arroz, na horta, no jardim, fazendo as maiores peraltices do mundo, ciscando, derrubando as plantinhas novas, devorando tudo o que viam na frente. Seu André, o fazendeiro, vinha com uma espingar-

da e dizia, muito nervoso, que ia acabar com as galinhas, pois elas só sabiam estragar as plantações. Não havia milho nem ração que chegasse,

Pintado tinha um amigo, o Tutu. Era da raça índia, briguento e crítico como ele só. Embora pequeno e magro como os espécimes de sua raça, era esperto e valente. Certa vez brigaram até se machucarem. É que Pintado experimentara cantar, porque estava virando galo. Saiu um som rouco e feio. Tutu zombara dele comentando com o terreiro todo que daquele dia em diante a fazenda despertaria assustada com aquela voz esganiçada. Pintado, ao encontrá-lo, deu-lhe uma bicada que quase lhe arrancou a crista. Daí a briga esquentou. Foi preciso todo mundo entrar no meio para que ela tivesse fim. Acabaram por desculpar-se e tornaram-se mais amigos do que antes. Um dia os dois fizeram um pacto que estreitou ainda mais a amizade: quando um deles fosse condenado, fugiriam juntos da fazenda.

* * *

Numa bela manhã de domingo, Pintado ouviu o grito aflito de sua mãe.

— Pintado, chegou sua hora! E pôs-se a gritar e a chorar.

— O que é, mãe?

— Eu estava à porta da cozinha, dizia ela entre soluços, quando ouvi D. Joana dizer: “Hoje vamos comer o Pintado. É uma pena, queria deixar ele pra galo, mas é o único frango no ponto. Tutu não vamos comer porque é de raça. Os outros estão todos pequenos”.

— Quem sabe se é engano, mãe?
— Engano não, meu filho, chegou sua hora mesmo.

Nisso os cachorros começara a latir e a pular no terreiro. D. Joana gritava: “Pega, Tiu, pega, Tiu!” Pintado saiu louco atrás de Tutu, encontrando-o no jardim.

— Tutu, vamos embora, disse aflito. Minha hora chegou. Já estão me procurando.

— Nossa! Será que eu tenho coragem de ir? Afinal o condenado é você.

— Tutu, eu não sabia que você é um covardão. Um traidor.

— Calma, rapaz. Me insulte pra ver uma coisa!

— Você não vai, não tem importância. Nosso pacto de nada adiantou.

— Puxa, Pintado, eu disse por acaso que não ia?

O barulho, os latidos dos cachorros, os gritos de D. Joana, os esconjuros das galinhas cresciam cada vez mais. Galinha Branca e galinha Preta descobriram os filhos no jardim.

— Fugam, meus filhos, vão com Deus.

Pintado aproximou-se da mãe. Roçou-lhe a cabeça com o bico. Ambos choravam. Tutu limpava a garganta sem conseguir dizer nada. Sairam correndo pela estrada da frente. Atravessaram a roça de milho. Correram, correram. . . Quando a noite chegou, estavam famintos e com sede.

— Vamos ficar naquela fazenda ali, disse Tutu.

— Deixe de ser bobo, essa gente é muito es-

perta. O fazendeiro é amigo de seu André. Logo nos levará de volta.

— Vamos beber água pelo menos.

— Sim, vamos, mas logo que amanhecer daremos o pira.

— Pra onde a gente vai depois?

— Você já ouviu falar na cidade?

— Que é isso?

— Puxa, que ignorante você é.

— Ignorante sua vovozinha.

— Malcriado! Cidade é onde moram muitos homens juntos. Tem casa uma pertinho da outra, dos dois lados e a estrada no meio se chama rua. É lá que passam os homens, os animais, os carros.

— Ô sabichão! Onde aprendeu tudo isso se nunca saiu da roça.

— Com minha mãe, ora. Já não lhe disse que ela é bonita, inteligente e culta?

— Ela também nunca saiu do mato.

— Ela tem uma amiga muito viajada que lhe explicou tudinho.

— Está certo. Amanhã partiremos bem cedo.

Despertaram de madrugada com os galos cantando. Tutu já sabia cantar bem. Pintado ainda não ousara abrir o bico perto do amigo. Tinha medo de cantar feio, esganiçado como um principiante. Depois ter de aguentar as críticas do amigo.

Seguiram viagem. Depois de andarem três dias passando sede e fome, deram com a estrada asfaltada.

Viche, comentou Tutu, esta estrada vai dar no fim do mundo?

— Deixe de ser roceiro, seu bobo.

— Ih, credo, a gente nem pode dizer nada. Que estrada é essa, doutor sabe-tudo?

— É a Br-153. Vai dar em Brasília.

Era tarde. Caminhões carregados de carga passavam, um atrás do outro, com grande ruído e pressa. Os dois frangos ficaram aturdidos. Com muito medo atravessaram. O coração de Pintado batia de susto e surpresa.

— Ih, cidade é bonito, veja quantas casas!

— É mesmo. Será que a gente vai escapar?

Continuaram andando meio desconfiados. Resolveram parar na primeira casa à frente. Chegaram pelos fundos. Havia um muro alto, diferente da cerca da fazenda que era de arame farpado. Os dois subiram no muro e ficaram observando. Dentro havia uma galinha com dois pintinhos e um galo velho.

— Veja que galinha mais feia e suja de terra.

— É. O galo também está meio depenado.

— Será que galinha de cidade é sempre assim?

Resolveram saltar. Estavam com tanta fome, que com a maior sem cerimônia puseram-se a comer milho no meio dos outros.

— De onde vieram vocês? indagou o galo. São do vizinho?

— Não. Viemos de longe. Desculpe a gente comer sem ser convidado, mas estamos mortos de fome.

— Não temos muito o que comer, mas sirvam-se, disse a galinha.

— Só vivem aqui vocês quatro? perguntou Tutu.

— Só. Os outros passam por pouco tempo.

— Por que?

— Ora, não sabem? Isso é um restaurante.

— Res. . . o que?

— Vocês vieram da roça, não é? Pois preparem-se. São jovens. Se D. Tiana aparecer, serão condenados.

— Ai, meu Deus, fugir de novo.

— Eu escapei, porque sou boa poedeira.

— E eu porque era bonito e cantava bem.

Hoje não me comem, porque sou velho e minha carne é ruim.

“Uai, de onde saíram esses dois?” Todos se assustaram e correram para o fundo do quintal. Era D. Tiana. Ela veio vindo.

— Fugam, fugam, talvez vocês tenham sorte.

Os dois pularam o muro e saíram andando por uma rua comprida, sem saber onde entrar. Viram um jardim bonito. Entraram. Estavam devorando os alecrins, quando a dona da casa apareceu e enxotou-os com gritos raivosos. Andaram um pouco mais sem destino. Não tinham conseguido matar a fome de todo, agora estavam mortos de sede. Encontraram uma poça d'água no meio da rua. Mal conseguiram beber da água lamenta.

— Tutu, cidade é ruim. Nós podíamos ter sumido no meio do mato. Onde existe o homem a gente sofre.

— No mato existe raposa, lobo e outros bichos que comem a gente.

— Então nós nascemos condenados, pra que fugir? replicou Pintado infeliz.

— Calma, companheiro. A vida é luta. A gente não pode é desanimar.

Decidiram sair da cidade. Atravessaram uma ponte e viram uma casa ao longe, rodeada de árvores, pastos, plantações. Parecia uma fazenda. Foram para lá. No quintal havia um grande número de galinhas, perus, patos, angolas. Não foram logo notados, porque os animais eram numerosos. Estavam comendo a ração da tarde com grande algazarra. Pintado e Tutu entraram no meio e comeram bastante. Depois aproximaram-se de um galo elegante e indagaram:

— Vocês são condenados?

— Ora, veja, disse o galo, temos dois forasteiros! De onde vieram?

— De muito longe.

— De que jeito?

— Caminhando.

E contaram a história.

— Podem ficar aqui. Serei um aliado e defensor de vocês. Talvez tenham sorte. E voltando-se para Tutu:

— Você é de uma raça muito briguenta. Não vá armar barulho aqui, ouviu? Temos dois valentões que assustam todo mundo.

Emocionados e cansados tomaram seus lugares no poleiro.

Quando a madrugada chegou, os pássaros cantavam alegres nas grandes mangueiras floridas. Pintado sentiu uma imensa saudade no coração. Saudade de sua mãe, das galinhas amigas, do Ve-

ludo, o cão que corria atrás deles para assustá-los. E cantou. Pela primeira vez seu canto saiu bonito, entoado, um canto para saudar a madrugada e despertar os homens. Cantou várias vezes, bateu asas e gritou:

— Talvez eu não seja um condenado!

Na verdade, nem ele nem o amigo foram condenados. Viveram na chácara em paz por muitos e muitos anos.

O MENINO DA LAÇA

O MENINO DA LAGOA

Quando era menino pobre. Não o posso nomear. Tinha seis irmãos, e mãe era lavadeira. O pai trabalhava em casa. Morávamos num subúrbio da cidade, perto do lago. Tinha vista da casa para dentro uma vista melhor do mundo. Ele ficava sentado no banco da casa, e eu ficava sentado no banco da casa. Nunca tinha conhecido esse lugar. A cidade é muito bonita. Ele me contou como a vida lá fora se fazia de dentro. Ficava observando tudo com olhos de menino. Principalmente as vitrines de brinquedos que todo menino gosta muito de ver. O menino tinha uma confissão, queria fazer um padre. Queria dizer que ele não queria ser um padre. Um menino sabe que ele é muito pobre, porque ele não tem dinheiro para comprar os livros, e porque ele não tem dinheiro para comprar os livros. Ele queria muito ler, e não tinha dinheiro para comprar os livros. Ele queria muito ler, e não tinha dinheiro para comprar os livros.

Uma das coisas que...

Toninho era menino pobre. Muito pobre mesmo. Tinha seis irmãos, a mãe era lavadeira. O pai andava pelo garimpo. Moravam num subúrbio da cidade, perto da lagoa. Tinham vindo da roça para tentar uma vida melhor na cidade. Ele ficara encantado com tantas coisas novas que conhecera. Nunca tinha sonhado com elas. A cidade o aturdiava. Ia ao centro com a mãe buscar as malas de roupa. Ficava observando tudo com olhos de espanto. Principalmente as vitrines de brinquedos que todo menino gosta tanto de ver. O Mutirama ainda não conhecia, aquele famoso parque. Ouvia dizer que lá tem muitas coisas bonitas. Um trenzinho que dá a volta pelo parque, carros que os meninos podem dirigir, montanha russa, tobogã e muitas outras coisas interessantes que vieram do estrangeiro. Ele morava muito longe, a mãe não o deixava ir sozinho, é muito perigoso criança andar por aí solta parecendo filho de ninguém.

Um dia a mãe disse:

— Olhe, Toninho, vou comprar uma caixa de engraxate pra você. Você ganha um dinheirinho que dá ao menos para o pão. Seu pai viajou faz muito tempo. Não manda notícia nem nada. É preciso todo mundo ajudar, senão a fome vai apertar.

— Pode comprar a caixa, mãe, eu quero trabalhar.

Ele respondeu assim porque era um menino muito obediente. Ouvia direitinho todas as ordens da mãe.

No dia em que a caixa foi arranjada, ele saiu todo orgulhoso e foi para o centro da cidade. A mãe fez mil recomendações:

— Cuidado com os carros, meu filho, quando atravessar a rua. Cuidado com as más companhias. Tem muito moleque sem educação perambulando pelas ruas.

— Sim senhora. À bênção, mãe.

— Deus te abençoe.

Assim ele chegou ao centro e assentou-se num dos bancos da avenida. Ficou vendo o povo passar. Moças bonitas caminhando em bandos alegres. Homens com pasta na mão andando apressados, meninos bem vestidos carregando seus brinquedos. O que mais lhe chamou a atenção foi um ônibus de escola. Os meninos todos uniformizados, cantando, rindo na maior alegria. Ele ficou com uma vontade danada de estar no meio daqueles meninos bem vestidos e alegres. De certo a escola era bonita, a gente aprendia e tinha muitos brinquedos para se divertir. Com certeza era igual ao

Mutirama. Não, o Mutirama devia ser mais bonito. Ouvira dizer que era grande, muito grande. Maior do que a escola. Pensando, ficou um tempo. Aí ele se assustou. “Nossa, preciso trabalhar!” Nisso assentou-se no banco vizinho um moço.

— Moço, quer engraxar?

O rapaz olhou pra ele, olhou para os sapatos empoeirados, talvez tenha ficado com pena daquele jeito humilde dele pedir para engraxar, e consentiu. Toninho pôs-se a engraxar, muito vagaroso, muito sem jeito, tendo todo o cuidado, mesmo assim deixou dar um borrifo de graxa na meia do rapaz. Aí o moço falou:

— Êh, menino, cuidado e ande depressa. Estou com pressa.

Na cidade era assim. Todo mundo tinha pressa. Tão diferente lá da roça. O dia era grande. Levantavam-se quando passarinho estava fazendo festa nas mangueiras e o horizonte ficava amarelo como ouro. As vacas berravam no curral chamando os bezerrinhos. Gostava demais do gado, principalmente da Rolinha vaca leiteira, mansinha que dava gosto. As vacas não eram deles, eram do patrão. Mesmo assim ele as amava como se fossem suas. Quando faltava uma, o patrão dizia: “Pegue o Carinhoso, Toninho, e vá campear a vaca”. O Carinhoso também ele amava. Êh cavalinho que tinha uma marcha gostosa! A gente tinha a impressão que ele ia voar. Se o Carinhoso lhe pertencesse, ia trazê-lo para a cidade. Perto de sua casa existe um terreno baldio, ali o Carinhoso podia pastar. Água ele beberia na lagoa. Mas tinha

que ensinar pra ele não entrar fundo, era perigoso se afogar.

— Pronto garoto?

Toninho assustou-se tanto que quase derrubou a escova.

— Prontinho, moço.

Recebeu o dinheiro na maior alegria, guardou-o no bolso e assentou-se na expectativa de novos fregueses. Nisso um menino já bem grandinho, também engraxate, acercou-se dele.

— Quem mandou você vir engraxar aqui?

— Por que?

— Não sabe que esse pedaço da rua é meu? Está tirando meus fregueses.

— Eu não sabia .

— Pois dê o fora .

— Você não manda em mim .

— Saia logo, senão vai levar uma surra .

A mãe tinha recomendado que não desse conversa para menino sem educação. O jeito era sair calado, do contrário ia dar briga. E o menino era bem maior que ele. Subiu mais um pouco a avenida. Tornou a assentar-se. Se o Carinhoso viesse pra cidade, será que ele não ia assustar-se de andar nas ruas, com tanto barulho de carro, tanta confusão? De novo o menino sonhava. Depois reparou numa mocinha parada por perto conversando com outras.

— Deixe eu engraxar seus sapatos, menina?

— Não chateie, moleque.

Puxa, ele queria trabalhar e encontrava gente malcriada daquele jeito. Não era preciso dar aquela resposta. Depois ele viu uns moleques jo-

gando pelada na ilha gramada da avenida. Entusiasmado com o jogo, pôs a caixa de engraxar no chão. Ficou com vontade de entrar, mas não conhecia ninguém e teve vergonha de pedir. De repente um modeque gritou:

— Menino, estão levando sua caixa!

O moleque correndo já ia longe. Toninho pôs-se a gritar e a chorar, dizendo que a caixa era sua e o outro ia roubando-a. Um ciclista que passava pelas imediações correu em auxílio, alcançou o outro e fê-lo largar a caixa. Toninho correu a apanhá-la ainda chorando pelo susto. Nem se lembrou de agradecer. Tremia tanto, que se esquecera de tudo. A mãe sempre ensinava que quando alguém faz um favor pra gente, não se deve deixar de agradecer. Ele assentou-se numa ponta da calçada, enquanto os outros continuaram o jogo. Nesse meio tempo, um guarda armado de cassetete rugiu para a meninada:

— Parem com esse jogo! Estão estragando o jardim, seus moleques sem vergonha! Já não disse que não se pode jogar aqui?

Toninho tratou de ir saindo. Embora nada tivesse com o jogo, levou um empurrão do guarda.

O relógio da praça deu duas pancadas. O menino olhou pra cima, mas de nada adiantava, porque não sabia ver as horas. De certo na escola a gente aprende essas coisas todas. Um dia perguntara pra mãe:

— Mãe, quando é que eu vou à escola?

— Quando Deus mandar bom tempo, meu filho.

— Quando é que Deus vai mandar bom tempo?

— Não sei.

Ele sentiu o estômago doendo. Lembrou-se que a mãe dissera para voltar à hora do almoço. Já devia ser bem tarde. De manhã comera só um pedaço de pão velho. Mesmo assim resolveu esperar mais um pouco.

Num dos bancos da avenida assentou-se um senhor gordíssimo. Seu rosto redondo estava coberto de suor e vermelho como pimenta. Toninho disse para si que quando crescesse não queria ficar gordo daquele jeito. Devia ser difícil trabalhar e sobretudo correr.

— Moço, quer engraxar os sapatos?

— Nããão! respondeu o homem com uma cara muito feia como se estivesse rosnando.

Toninho se lembrou. Um dia viu um menino lustrando sapatos das pessoas na fila do cinema. Depois pedia: “Me dá um dinheirinho, moço!” Se não ganhava, saía resmungando: “Pão duro!” Não achava isso muito certo. Só engraxaria quando o dono consentisse.

O menino achou que já era hora de voltar pra casa. Tinha que ir a pé. Engraxara só um par de sapatos. O dinheiro quase nem dava para a condução. Praticamente, era a primeira vez que voltava para casa sozinho. Achava que ia dar conta. Na fazenda conhecia todas as trilhas, todas as estradas que levavam aos vizinhos. Até no mato já entrara. É verdade que sentira um medo horrível de se perder. Mas conseguira sair sem dificuldade.

Estava tão tarde! Como lhe doía o estômago!

Já não pisava mais na própria sombra. Na fazenda já seria hora de apartar as vacas. Se o patrão estava muito ocupado, dizia-lhe: “Pegue o Carinhoso, Toninho, e vá apartar as vacas. Não se esqueça de nenhuma”. Nem precisava recomendar. Bastava gritar no meio do pasto e elas vinham em fila para o curral. Depois os bezerros iam para um pasto e as vacas para outro. Só as paridas de novo é que ficavam com seus bezerrinhos. Com essas era preciso muito cuidado. Às vezes os bezerrinhos caíam nas grotas e não davam conta de sair. Outras vezes não mamavam direito e morriam de fome.

Toninho chegou em casa bem tarde, porque o barraco deles era num subúrbio distante. Encontrou a mãe ao sol enxaguando roupas. Pediu-lhe a bênção. Depois de abençoá-lo, a mãe perguntou:

— Você demorou demais, meu filho. Já estava preocupada. Como foi hoje?

— Engraxei só um par.

— Só um? E gastou o dia inteiro?

— A gente fica esperando pra ver se aparece freguês.

— É. Vamos ver se amanhã melhora. Vá almoçar, meu filho.

O prato estava no canto do fogão. Arroz e mandioca. O almoço estava gelado, mas o menino engoliu tudo depressa, porque a fome era demais.

O menino foi pra beira da lagoa e assentou-se lá. Estava mirando pensativo o espelho das águas, quando ouviu uma voz:

— Toninho, como foi hoje?

Ele assustou-se. Olhou em todas as direções e não viu ninguém. Observou bem a copa das ár-

vores vizinhas pra ver se não haveria algum menino escondido querendo assustá-lo.

— Toninho! repetiu a voz, uma voz doce e carinhosa.

A custo, ele falou:

— Quem está me chamando?

— Sou eu, a lagoa.

— Uê, eu não sabia que a senhora falava.

— Com você eu falo. Como foi hoje?

— Mais ou menos.

— Quase ficou sem sua caixa de engraxate, não foi?

— Como é que a senhora sabe?

— Eu sei de muita coisa. Cuidado, ouviu?

— É. Vou ter muito cuidado.

— Por que você está pensativo?

— Estou com saudades do Carinhoso.

— Vá do outro lado, onde está aquela pedra.

Aproxime-se. Dê três toques e espere.

Toninho correu para o lugar indicado. Não foi fácil aproximar-se da pedra, pois a vegetação estava alta, essa sujeira de mato, que é muito perigosa. Por fim alcançou a pedra e fez segundo a amiga lagoa ensinou. Num segundo estava na fazenda. No meio do pasto achava-se o Carinhoso que veio relinchando para seu lado. Montou em pelo mesmo e deu uma volta pela campina. O sol doirava a terra ao entardecer. Os pássaros cantavam alegres. As vacas mugiam. Era tempo de caju. Os cajueiros estavam vermelhinhos. Carinhoso largou um trote bonito, parecia querer voar. Quando o sol já estava metade mergulhado na linha do horizonte, o menino ouviu a voz: “Toni-

nho, é hora de voltar!” Ele parou o carinhoso. Ali-sou-lhe meigamente as crinas. Quietamente no lugar, cerrou os olhos, conforme a recomendação da lagoa. No tempo de um relâmpago, achou-se de novo sobre a pedra. A lagoa lhe dissera que quando a voz chamasse, atendesse imediatamente. Se não obedecesse, as consequências não seriam boas.

— Obrigado, dona Lagoa.

— Quando precisar, venha falar comigo. Mas é segredo nosso, viu?

No dia seguinte, após ajudar a mãe na entrega e na busca de algumas malas de roupa, foi de novo tentar sua sorte de engraxate. Passou pelo lugar do dia anterior, procurou outras ruas, conseguindo desta vez engraxar alguns pares. Satisfeito, resolveu voltar pra casa mais cedo. Com as mãos nos bolsos, a caixa nas costas, assoviando uma música alegre, deixou o centro da cidade. Ao entrar num atalho de lote vago que enfiava por um matagal, quatro moleques, bem maiores que ele, rodearam-no.

— Passe pra cá o dinheiro que você fez hoje.

Dentre eles reconheceu aquele que no dia anterior ia roubando-lhe a caixa.

— O dinheiro é de minha mãe.

— Não estou perguntando de quem é.

— Não dou de jeito nenhum.

— Não entrega por bem, entrega por mal.

— Seus cachorros, o dinheiro é de minha mãe.

Os quatro agarram-no. Ele se debateu e lutou como pôde. Mas era menor e sozinho. Gritou por socorro. Chorou. Ninguém apareceu para aju-

dá-lo. Tomaram-lhe o dinheiro, rasgaram-lhe a roupa, arreventaram a correia da caixa. Toninho chegou em casa sujo, descabelado, rasgado. A mãe, ao vê-lo naquele estado, perguntou-lhe assustada:

— Que isso, meu filho, que aconteceu?

— Uns moleques tomaram meu dinheiro e me bateram.

— Ah, está começando cedo. Metendo-se em briga, heim? Pois vai levar outra pisa para aprender a não brigar e não ser covarde.

— Mãe, eu não briguei!

A mãe apanhou no quarto o cinturão deixado pelo pai quando fora para o garimpo. Aplicou-lhe umas correiadas.

Toninho sempre gostara muito da mãe. Acha-a boa, carinhosa, esforçada, cuidadosa com os filhos. Não havia mãe como a dele, pensava. Não entendia porque ela tratou-o daquele jeito, sem sequer ouvi-lo.

O menino correu para a lagoa. O pranto inundava seus olhos. O corpo estava doído das pancadas dos moleques e das correiadas da mãe.

— Toninho!

Ele não conseguia responder.

— Está me ouvindo, Toninho?

Ele fez um sinal com a cabeça.

— Não fique triste não, Toninho, a vida é assim mesmo.

— Porque minha mãe me bateu? mal conseguia ele falar, pois os soluços lhe cortavam a voz.

— Sua mãe está nervosa e cansada.

— Ela não precisava ter feito isso.

— Perdoe sua mãe. Ela trabalha muito para sustentar você e seus irmãos.

— Eu sei disso.

— Ela quer um bem danado aos filhos. A você, especialmente.

— Não parece, bate em mim atoa. Não me deixou nem falar.

— Ela já caiu em si e viu que fez uma injustiça.

Nesse instante ouviu-se a voz da boa mulher chamando o filho.

— Vá, Toninho, depois volte aqui. Sua mãe lhe ensinou uma coisa. Seja valente. Nunca tenha medo dos outros. Se você for covarde, sempre o atacam e judiarão de você.

— Está bem. Depois eu volto.

Toninho entrou em casa. Estava de cabeça baixa e tinha os olhos vermelhos.

— Venha almoçar, meu filho. Olhe, arranjei com a vizinha um ovo. Tem também feijão.

Com as mãos grossas e geladas, pois viera da lavagem de roupa, acariciou a cabeça do filho. . .

Toninho sabia que aquele era um gesto de carinho da mãe. Ele almoçou bem. Perdoou a mãe e contou-lhe direitinho como fora o dia. Os olhos da mãe ficaram marejados de lágrimas. Ela tentou disfarçar e saiu para o terreiro limpando a garganta.

O menino voltou para a lagoa. A amiga começou a conversa com ele.

— Então, Toninho?

— Então o que?

— Perdoou sua mãe?

.. — É mesmo, dona Lagoa, a senhora tinha razão.

— Escute, amanhã você vai pra porta do Banco do Estado na praça. Lá costuma trabalhar um garoto chamado Pedro. Ele é muito bom. Procure falar com ele. Trabalhem juntos. Você precisa de um amigo.

— Está bem, amanhã vou lá.

— Mas precisam ser amigos de verdade e muito leais.

— Que é isso, leais?

— É ser honesto um com o outro, ser sincero, enfim ser amigo de verdade.

— Eu vou ser leais.

— Eu vou ser le-al. É assim que se fala corretamente. Um é le-al. Dois são le-ais.

— Obrigado.

— Vá pra casa, sua mãe precisa de você.

No dia seguinte, Toninho foi direto à porta do Banco. Havia muita gente ali. Uns parados, outros entrando e saindo do Banco, outros passando apressados. Um formigueiro. Toninho viu logo o pequeno engraxate, um menino loiro, de seu tamanho, uns olhos vivos.

— Você é o Pedro?

— Uê, como você sabe meu nome? Não o conheço!

— Fiquei sabendo por aí.

— E o seu?

— Toninho. Aqui é bom pra trabalhar?

— É

— Posso trabalhar com você?

— Você vai é me atrapalhar.

— Não atrapalho não. A gente trabalha de sociedade. Um freguês é meu, outro seu. O primeiro que chegar, vai começando. Quando um não vier, o outro trabalha. Depois a gente parte a renda. Ninguém fica sem ganhar.

— Eu não o conheço. Como posso saber se vai dar certo?

— Pode acreditar em mim. Eu serei leais. Ah, não, leal.

— O que?

— Eu serei amigo de verdade.

— E se não for?

— Pode se vingar de mim.

— É. A gente pode experimentar.

Daquele dia em diante, tornaram-se grandes amigos. Toninho contou a ele tudo o que aconteceu na cidade. Só não lhe contou o segredo da lagoa. O negócio dos dois ia bem. Um dia mais, um dia menos, mas sempre rendia alguma coisa. De vez em quando experimentavam outro lugar. Pedro dizia ao amigo: “Quando a gente estiver grande, nós vamos é trabalhar numa engraxataria bem organizada. Aí vamos ter um dinheirinho certo”. “Quando eu for grande”, retrucava Toninho, “eu quero é ser doutor”. “Até lá, a gente pode ir engraxando, o que é que tem?”, respondia o outro.

Menino é sempre menino. Um dia Toninho e Pedro resolveram experimentar um cigarro. Quase todos os moleques que andavam soltos, fumavam. Entravam nos bares e pediam cigarros. Uns davam, sem se importar com os problemas da infância. Outros não davam e ainda pregavam lição de moral, o que pouco adiantava. Toninho sentiu

o estômago enjoar e o mundo a rodar com ele. Mesmo assim, fumou o cigarro até o fim.

À tarde, depois da janta, foi conversar com a lagoa.

— Então, Toninho, como vai?

— Tudo bem.

— O que você andou fazendo hoje?

— Ajudei minha mãe e engraxei.

— Só isso?

— Uê, só isso, por que ?

— Toninho, Toninho, um defeito feio é mentir.

— Credo, dona Lagoa, não estou mentindo.

— Ah, que memória fraca você tem.

Toninho ficou vermelho como um pimentão.

— Desculpe, dona Lagoa, eu fumei hoje.

— Bonito, não é? Um menino de sua idade com essas coisas. O fumo faz muito mal. É ruim para os adultos, pior para as crianças. Você vai prometer que nunca mais porá um cigarro na boca.

O menino ficou calado.

— Ande, prometa.

Continuou mudo.

— Pois bem, não é preciso prometer. Vá vadiar pelas ruas, brigar, aprender nome feio, fumar. Mas nunca mais falarei com você. É esta a última vez.

— Puxa, dona Lagoa, não é preciso exagerar. Não fiz outras coisas de errado. Nem o Pedro. Só fumei. Ele também.

— Não vou fumar nunca mais.

— É assim que se fala, menino. Agora vá, a noite está aí.

As coisas não pioraram na casa de Toninho, nem tão pouco melhoraram o suficiente para tirá-los da pobreza extrema. Nada de brinquedos. Nem de escola. O pai continuava sumido no garimpo. Quase não mandava notícia.

Aproximava-se o dia da criança. Os carros de propaganda anunciavam pelas ruas os nomes das casas comerciais mais sortidas de novidades e que diziam vender mais barato. Também no rádio se fazia propaganda. Também na televisão. E as vitrines estavam cheias de coisas tentadoras. Toninho via e ouvia tudo isso com o coração doendo. Ouvira dizer que o governo ia distribuir brinquedos para os meninos pobres. Seria verdade? O governo ia dar conta? Tem tanto menino pobre na cidade. Explicaram pra mãe dele que era só ir registrar numa secretaria tal, dar os dados, os nomes dos filhos e cada um receberia um presente. Toninho estava com a doce esperança de que lhe tocassem uma bola. Se ganhasse uma, organizaria uma pelada com Pedro e os meninos da vizinhança. Seria bem divertido.

Ao chegar o dia da criança, a mãe de Toninho apareceu doente, com febre alta. O menino foi chamar dona Joaquina para cuidar dela. Na despensa nada havia para o almoço. A mãe, quando fosse buscar os brinquedos ia receber o dinheiro da roupa para fazer um almocinho melhor. Dona Joaquina era pobre também. Nada tinha para dar.

Toninho foi à beira da lagoa.

— Bom dia, Toninho. Você está triste?

— Estou. Minha mãe adoeceu.

— Ânimo, menino, ela vai melhorar.

— Meus irmãos e eu não temos o que comer.

— Coragem, meu filho. Eu não disse pra você que a vida é dura? Desde cedo temos de aprender isso.

— Eu sei. O filho de dona Cacilda tem bola, tem autorama. Vai à escola, vai ao Mutirama, passeia de carro. Por que é assim, heim, dona Lagoa?

— Ora, meu filho, na verdade nem eu entendo pra lhe explicar. Deixe isso pra lá. As coisas vão melhorar. Espere e você verá.

— Se demorar, aí eu não sou mais menino e nem quero bola.

— Não se deve perder a esperança.

— Estou esperando, dona Lagoa. Minha mãe disse que Deus vai mandar bom tempo. Estou esperando mesmo.

— Por falar em dona Cacilda, eu tive uma idéia, disse a Lagoa. Escute, vá à casa dela, da dona Cacilda. Ela é muito boa pra sua mãe. Diga que sua mãe está doente, que vocês não tem nada pra comer hoje. Que ela faça o favor de mandar alguma coisa e também remédio pra gripe. Sua mãe está é muito gripada e fraca, porque come mal. Vá, avise pra dona Joaqui^{na}, mas não deixe sua mãe saber. Depois você volte aqui.

Toninho obedeceu, indo o mais depressa possível. Dona Cacilda recebeu-o muito bem. Mandou que ele almoçasse, enquanto arrumava comida e remédio pra mãe.

— Deus lhe pague, dona Cacilda.

— Amém. Se sua mãe não melhorar, volte aqui depois, está bem?

— Sim, senhora, até logo.

Quando o menino chegou com as coisas, a mãe passou a mão pela sua cabeça e com os olhos brilhando de lágrimas murmurou: “Toninho, meu filho...” O menino saiu correndo dali. Não podia ver a mãe chorando. Dava-lhe vontade de chorar também. Homem tinha era que ser forte.

Aproximou-se da lagoa.

— Muito bem, Toninho. Agora você merece um prêmio. Vá à pedra e bata três vezes como sempre. Quando eu chamar, você já sabe. Fique quieto no lugar e feche os olhos.

O menino procedeu conforme foi ordenado. Decorreu um instante e ei-lo na fazenda. Era tempo das águas. Os pastos verdes, os campos floridos, o gado gordão. Rolinha tinha parido um lindo bezerro mouro. Estava toda amorosa lambendo o filho. Rolinha era tão mansa. Nem mesmo quando parida atacava as pessoas. Toninho alizou o pelo do bezerrinho. Parecia um bichinho de presépio de tão perfeito. Tentou fazê-lo mamar e ele não quis. O vaqueiro de certo não demoraria a vir buscá-los para o curral. Rolinha olhava-o com olhos meigos-faltava só falar.

Não demorou muito, o menino ouviu a voz: “Toninho... Toninho!...” Puxa, como passara depressa. Dava até vontade de não voltar. Mas... no instante seguinte se encontrava de novo sobre a pedra. Agradeceu a lagoa de coração. Estava muito feliz. A mãe não demorou muito a melhorar. Estava muito fraca para lavar o tanto de roupa de

costume. Porisso, a vida continuou com mais dificuldade.

Um dia Toninho aproximou-se muito triste da lagoa.

— Está triste hoje, menino, o que foi?

— A senhora sabe, dona Lagoa não precisa nem perguntar.

— O Pedro vai-se embora da cidade, não é?

— É. A gente tem um amigo, até ele vai-se embora.

— Que pena!

— Minha mãe não anda nada boa de saúde.

— Mas vai ficar boa.

— É. E a escola?

— Você vai pra escola ano que vem.

— Se Deus mandar bom tempo.

— E vai mandar.

— Quando?

— Logo. Vá trabalhar, Toninho, senão Deus não manda bom tempo.

— Até logo, dona Lagoa.

— Até logo, meu filho.

O menino continuou trabalhando. Pedro foi-se embora com a família para muito longe. Toninho sentia muita falta do amigo. Mas agora tinha outros amigos. Bons amigos, que não eram desses vagabundos, faladores de nomes feios e ladrões.

Certa tarde, apareceu de novo o moleque que juntamente com outros roubara-lhe o dinheiro.

— Hoje você vai passar a nota pra cá. Engraxe bastante, que se você tiver pouca grana vai acertar comigo.

— Está bem, falou Toninho com voz humil-

de, como se estivesse morrendo de medo. Levarei dinheiro, mas não me batam, pelo amor de Deus.

— Está se ralando de medo, heim garoto? Pode esperar a gente no mesmo lugar e à mesma hora.

Os amigos de Toninho assistiram de longe. Quando os moleques se afastaram, um deles falou:

— Puxa, não sabia que você era covarde!

— Ô seu bobo, não viu que eu estava apenas fingindo? Escute, chame o Zé, o Martinho, o Lelé, o Paulão pra nós darmos uma lição nesses moleques atrevidos. Quem vai ficar sem o dinheiro são eles. Tomaram o meu quando a gente estava passando fome. Ainda levei uma surra de minha mãe sem merecer. Vocês topam?

— Claro. Amigo é para essas coisas.

— Vamos chamar os outros. Daqui a pouco a gente vai andando, pois temos de chegar lá primeiro do que eles.

A garotada, que sempre topa uma guerra, ficou das mais entusiasmadas. Toninho era muito estimado no meio deles. Tinha até uma certa liderança.

Assim encaminharam-se para o lote vago, onde Toninho sofrera o ataque de que não conseguira esquecer. Ele pediu aos companheiros que se escondessem no matagal, ficassem quietos, em silêncio, esperando. Iria dar um pulo correndo em casa para buscar um objeto. Dentro de poucos minutos estaria de volta.

Ao retornar, procurou por sua vez um esconderijo atrás de uma moita de capim. Pôs-se a es-

perar com muita ansiedade. O tempo não passava nunca. A tarde caía. Um vento brando movia as folhas. Em breve as luzes da cidade começariam a acender-se. Um grilo cricrilava estridente. O matagal era perigoso. Podia ser que alguma cobra estivesse ali escondida. E como os moleques demoravam! De repente eles apareceram. Quando estavam próximos, Toninho foi para o meio do caminho e parou. Eles também pararam.

— Aqui o dinheiro. Venham buscar, gritou para eles.

O garoto que o agredira da outra vez vinha à frente, arrogante.

— É assim que eu gosto. Um garotinho obediente. Venha, não tenha medo.

— Venha você.

O moleque olhou para os lados como se desconfiasse de alguma coisa. Como era metido a valente, caminhou. Numa rapidez de relâmpago, Toninho jogou ao chão sua caixa, desenrolou o cinturão do pai e deu uma lambada forte no rosto do moleque. Ele deu um grito de espanto e dor. Seu rosto contraiu-se de ódio. Como era bem maior, pulou em cima do adversário, derrubando-o. Nisso vieram os outros de ambos os grupos. Foi uma escaramuça medonha. O grupo de Toninho venceu, porque era mais numeroso. Além disso, os outros eram valentões só de palavra. Fugiram vencidos e sem o dinheiro. Não faltaram arranhões, narizes amassados e roupas rasgadas. Toninho repartiu o dinheiro com os amigos e agradeceu satisfeito a ajuda deles. Isso tornava-os ainda mais amigos.

O menino chegou em casa exausto e com um aspecto que não escondia onde andara metido. Mas tinha o rosto tranquilo e alegre, porque agora sabia que não era covarde. Antes de entrar em casa, aproximou-se da lagoa. Depois de se cumprimentarem, a lagoa faltou.

— Muito bem, Toninho, você procedeu como um menino corajoso e correto. Não se deve vingar dos outros. Só as pessoas de maus sentimentos procedem assim. Entretanto, se você não tomasse aquela atitude, os moleques continuariam a ameaçá-lo para o resto da vida. Você nunca teria sossego.

— Ih, dona Lagoa, estou tão cansado!

— Amanhã terminará tudo.

— Como?

— Você verá.

— Espero.

— Hoje quero me despedir de você.

— Como? A senhora não falará mais comigo?

— Não, meu filho. Meu espírito viajará por outros mundos.

— Assim eu não quero. Quem vai me ajudar?

— Amanhã começará uma nova vida para vocês.

O menino estava a ponto de chorar.

— Seja corajoso mais uma vez, falou a lagoa.

Toninho emocionado pôs a mão no espelho das águas. Sentiu como se uma mão carinhosa apertasse a sua. Um silêncio grande envolvia as coisas. As águas permaneciam quietas, imóveis.

No céu havia muitas estrelas. A brisa tombava docemente o capinzal.

O menino entrou em casa. A mãe agora não perguntava mais porque ele chegava tarde. Nem porque estava rasgado e sujo. Simplesmente esperava que ele contasse. Ele nunca mentia. Nessa tarde ele não disse nada. Mal jantou, foi direto para a cama. Dormiu logo. E o sono foi de chumbo. Só despertou de madrugada com um alvoroço em casa. Assustou-se. Meu Deus, o que teria acontecido? Sua mãe entrou no quarto e o sacudiu.

— Levante, meu filho.

Na penumbra não pudera notar a expressão feliz do rosto da mãe.

— O que aconteceu, mãe?

— Seu pai chegou, meu filho.

— Nossa, mãe, chegou?

— E trouxe coisa do garimpo!

— Puxa, Deus mandou bom tempo, mãe?

— Mandou, meu filho.

Abraçaram-se com alegria, enquanto o pai entrou no quarto juntando-se a eles.

esta obra
foi integralmente
composta e impressa
em oficinas própria da
gráfica do livro goiano ltda.
editora oriente

rua 82 nº 456 - fone 2-2906 - Setor Sul

Machado, Marietta Telles

Encontro com Romãozinho

G087.5/MAC/enc

(208/79)

DATA DA
DEVOLUÇÃO

ASSINATURA DA LEITOR

17 JAN 1994

F. 22294-0
L. Barbano

Machado, Marietta Telles

Encontro com Romãozinho

G087.5/MAC/enc

(208/79)

SEÇÃO DE GOIÁS

NÃO CIRCULA FORA DA

BIBLIOTECA

